

ANIMAIS SILVESTRES

AO-66

AFECÇÕES OFTÁLMICAS EM MURUCUTUTU (*PULSATRIX PERSPICILLATA* – LANTHAN, 1790) DE VIDA LIVRE: RELATO DE CASO

Namá Santos Silva¹; Fernanda de Azevedo Liborio², Niciérge de Menine Duarte³; Ianeí de Oliveira Carneiro⁴

As corujas murucututus (*Pulsatrix perspicillata*) são aves da Ordem Strigiformes e apresentam uma vasta distribuição pelo território brasileiro, sendo mais facilmente encontradas em florestas atlânticas. Sua alimentação é basicamente composta por pequenos roedores e insetos. A alta acuidade visual desses animais permite uma movimentação e orientação no ambiente, além de uma prática de caça com precisão. Diante disso, qualquer alteração oftálmica nesses animais deve ser estudada por conta da possível influência sobre o desempenho de suas funções no ambiente natural. Pouco se sabe sobre as afecções oculares em aves silvestres de vida livre no Brasil. Pela casuística observada nos últimos dois anos de rotina do Centro de Triagem de Animais Silvestres - CETAS Chico Mendes, em Salvador, Bahia, a maior parte das afecções ocorridas são em decorrência de agentes traumáticos. O presente trabalho tem por objetivo relatar um caso de úlcera de córnea acompanhada de sinéquia oftálmica em uma coruja murucututu (*Pulsatrix perspicillata*) atendida no CETAS Chico Mendes em Salvador com histórico de trauma em veículo automotivo e cegueira parcial. Como exame oftálmico foi empregado o teste de fluoresceína e o teste lacrimal de Schimmer, conforme técnicas preexistentes. Diante do diagnóstico de úlcera de córnea, o protocolo terapêutico empregado foi o uso de colírio antibiótico de amplo espectro, terramicina, quatro vezes ao dia, por três dias, seguido de ciprofloxacina, três vezes ao dia, por mais nove dias. Além disso, utilizou-se anti-inflamatório não esteroidal, flunixin meglumine, 1mg/kg, por via intramuscular, uma vez ao dia, por três dias. Após quinze dias de tratamento a sinéquia se estabilizou, a úlcera de córnea regrediu. A ave não apresentava dificuldade de voo ou captura de presa. Sendo assim, optou-se então pela sua soltura em área próxima ao local de captura. A terapêutica utilizada foi eficaz. A importância do estudo das alterações oftálmicas nesses animais reside na viabilização de técnicas que permitam uma rápida reintrodução do animal ao habitat de forma segura, sem prejuízo das funções que garantem sua sobrevivência em vida livre.

Palavras-chave: oftalmologia, coruja, terapêutica.

1 Graduada em Medicina Veterinária – Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia (EMEVZ – UFBA). namassilva@gmail.com

2 Médica Veterinária do Centro de Triagem de Animais Silvestres – CETAS Chico Mendes, Salvador-Ba. Mestranda em Ciência Animal nos Trópicos – EMEVZ

3 Médica Veterinária

4 Médica Veterinária. Mestranda em Ciência Animal nos Trópicos – EMEVZ. Laboratório de Infectologia Veterinária (LIVE – UFBA).

AO-67

EVIDENCIAÇÃO SOROLÓGICA DE EXPOSIÇÃO À *LEPTOSPIRA SP* EM MAMÍFEROS SILVESTRES

Taizi Rodrigues¹; Fernanda Santana Oliveira²; Vinícius Oliveira³; Vitor Curvelo³; Arianne Pontes Oriá⁴; Melissa Hanzen Pinna⁴

Foi efetuado um inquérito sorológico da leptospirose em diferentes espécies de mamíferos silvestres, mantidos em cativeiro. Foram colhidas

amostras de 88 animais, dos quais 40 primatas, 24 felídeos, 15 cervídeos, oito canídeos e um animal da Família Ursídea, totalizando 18 espécies. Os animais foram contidos quimicamente com a associação de fármacos sedativos, e posteriormente foram submetidos aos exames físicos e coleta de sangue. Após a coleta, as amostras foram resfriadas e transportadas até o laboratório para centrifugação, sendo o soro estocado. O diagnóstico sorológico para leptospirose foi realizado de acordo com a recomendação técnica da OMS, por meio da soroaglutinação microscópica (MAT) com antígenos vivos, com cada amostra sorológica testada frente à bateria antigênica compreendida por 34 sorovares. Os animais foram considerados positivos quando apresentaram títulos ≥ 100 . Das 88 amostras de soro de animais silvestres testados pela soroaglutinação microscópica 62 (70,4%) foram positivas e 26 (29,6%) apresentaram reação negativa. Dentre as 62 amostras positivas, 30 apresentaram títulos ≤ 100 (30/62-48,38%), 20 com título 200 (20/62-32,25%), 11 amostras com título de 400 (11/62-17,74) e uma amostra apresentou título de 800 (1/62-1,61%). Com relação à distribuição entre os sorovares, Copenhageni M20 foi o mais frequente, correspondendo a 16,1% (10/62). O sorovar Copenhageni pertence ao sorogrupo Icterohaemorrhagiae, sendo este mais prevalente em centros urbanos brasileiros. Os resultados do presente estudo sugerem que as leptospirose chegam ao meio ambiente principalmente pela urina de roedores, já que o sorovar Copenhageni tem como seu hospedeiro natural roedores, em especial o rato-de-esgoto (*Rattus norvegicus*), e que a *Leptospira sp.* encontra um ambiente propício para sobreviver e para chegar até o hospedeiro susceptível nas coleções de águas paradas, bebedouros, estocagem de ração e reservatórios de água não higienizados periodicamente. Apesar de esforços dos profissionais na manutenção de um manejo sanitário adequado no ambiente de cativeiro, este é favorável à ocorrência da leptospirose. O sorogrupo Icterohaemorrhagiae foi o predominante nas amostras estudadas, destacando-se a importância do controle de roedores nos ambientes de cativeiro, que em sua maioria estão inseridos em centros urbanos, locais onde estes estão abundantemente disseminados.

Palavras-chave: Leptospirose, MAT, Animais silvestres

1 Bolsista Permanecer UFBA

2 Mestranda UFF

3 Médico Veterinário do Parque Zoológico Getúlio Vargas, Salvador – BA

4 Docente UFBA. E-mail: melissahp@ufba.br

SUSTENTABILIDADE E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

AO-68

PESQUISA SOBRE O USO ANIMAIS MEDICINAIS NA COMUNIDADE DE VÁRZEA-ALEGRE EM QUIXERÉ, CEARÁ, BRASIL – RESULTADOS PRELIMINARES

Telma de Sousa Lima, Ítala Tavares Guimaraes, Yannara Barbosa Nogueira Freitas, Simone Loiola Gomes, Andréia Freitas de Oliveira

O presente trabalho teve o intuito de detalhar o uso terapêutico dos animais ou partes deles (gordura, sangue e/ou carapaças) no tratamento de enfermidades ou como imunostimulante na medicina popular, a fim de valorizar esse campo pouco difundido e enriquecer a medicina alternativa. O estudo foi desenvolvido na Comunidade de Várzea Alegre, Zona Rural do Município de Quixeré, Ceará, onde aproximadamente um terço dos habitantes tem como principal fonte de renda a agropecuária. A coleta de dados foi efetuada por meio da aplicação de um roteiro estruturado submetido à cerca de nove famílias, no período de dezembro de 2012 a janeiro de 2013,